

O TROMBONE BRASILEIRO:

LIVRO DE PARTITURAS E

MINI BIOGRAFIA DE

RAUL DE SOUZA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Raul de
Livro de partituras / Raul de Souza. --
1. ed. -- Curitiba, PR : Gramofone Produtora
Cultural, 2022.

ISBN 978-65-999210-0-1

1. Música 2. Partituras musicais I. Título.

22-135183

CDD-780

Índices para catálogo sistemático:

1. Partituras musicais 780

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



CURITIBA
2022

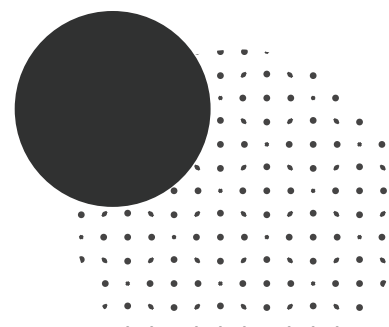


RAUL DE
SOUZA

Livro de Partituras

SUMÁRIO

Apresentação	06
O Trombone Brasileiro de Raul de Souza	08
Um Retrato de Raul de Souza	10
Partituras	24
Discografia	60
Biografias	65



APRESENTAÇÃO

Quando o conheci, Raul estava com sessenta e poucos anos e a esta altura ele já havia atravessado o céu e o inferno na sua mirabolante trajetória de vida. Eu não fazia idéia de que aquele nosso primeiro encontro na frente do *Duc de Lombards*, tradicional casa de jazz de Paris, mudaria também a minha vida. Havia parado com a bebida, que o acompanhava há tanto tempo. Nunca o vi tomar nem um gole de algo alcoólico. Possuía uma resistência física e energia vital inigualáveis. Certamente favorecido pela genética, mistura de todas as raças, como ele mesmo dizia - negro, branco, índio, bugre, mongol, judeu e cigano solo, desgarrado da tribo.

Nos tornamos amigos íntimos e fui seu diretor musical nos últimos 15 anos de sua vida. Curiosamente foi seu período mais produtivo como compositor. Aos poucos fui entendendo quem era aquele homem elegante de voz grave e rouca, de mãos macias e gargalhada gostosa. Ele gostava de conversar e ouvir seus relatos pessoais me fascinava. Era como encontrar alguém saído de uma máquina do tempo. Sua memória incrivelmente detalhista narrava seus encontros e aventuras com outros tantos personagens históricos do Brasil e do mundo.

Improvisador nato, mesmo quando estava lendo partituras sempre interpretava dando seu toque pessoal trazendo vigor e beleza às melodias. Músico no sentido mais amplo da palavra. Daqueles que não se encontram mais... escola antiga, percepção aguçada, ouvido e coração, corpo e alma. Dizia que seu som era azul. Quando convidado a dar canja lançava a frase: você sabe quanto vale uma nota?

Morou em São Paulo e foi sargento da Aeronáutica por 5 anos em Curitiba. Viveu no México, Estados Unidos e França. Falava um pouco de inglês e francês mas dominava mesmo o musiquês que encantava a todos por onde passava. Com seu ritmo e sua sonoridade inconfundíveis desfilou seu trombone pelos mais diversos gêneros. Foi um dos criadores da bossa-nova, do *samba-jazz* e do *funk-samba*, mas tocava de tudo e chegou até a excursionar com uma banda alemã de *heavy metal*.

Gostava de comer bem e era também excelente cozinheiro. Tinha ares de guru e aplicava energização com as mãos e massagens reparadoras. Cultivava a espiritualidade e meditava diariamente. Considerava John Coltrane um santo e tinha um altar com sua foto e de outros guias sagrados. Nunca negava esmolas. Andava sempre bem vestido, cheiroso, com cabelos e unhas alinhados. Era vaidoso, mas humilde. Conhecia a glória de sair da periferia do Rio de Janeiro e ser aclamado mundialmente como uma estrela do jazz. E também o amargor de não ser devidamente reconhecido em seu próprio país.

A nós que fomos tocados tão de perto pela sua luz, resta apenas a nobre missão de perpetuar sua obra e divulgar seu legado para que as novas gerações desfrutem seu som e sigam o caminho aberto pelo mestre.

Viva Raul!

Glauco Sölter

O TROMBONE BRASILEIRO DE RAUL DE SOUZA

Certo dia, quando tinha uns 10 anos, meu pai me pediu que levasse um peixe na casa do Vô João. Muito ranzinza e com um humor ácido, por vezes era difícil conversar com ele, mas eu tinha um assunto com o velho João Coelho.

Entre deixar o peixe na pia e perguntar como estava a Vô Lica, disse a ele que não tocava mais o bombardino, que tinha começado a tocar trombone, porque era a linha de frente da banda e tinha um som engraçado que eu adorava. Então ele se virou e falou pra mim:

– Essa foi a pior besteira que tu fizeste na vida, o bombardino é o instrumento que tem o som mais delicado, está sempre fazendo uma melodia que não é tão óbvia... mas já que a besteira está feita e tu gosta de trombone mesmo, então tens que ouvir o Raul de Souza, ele tem uma articulação leve, não toca com aquela dureza tradicional de todo trombonista, improvisa lindamente e já foi considerado um dos maiores trombonistas do mundo.

E assim surgiu o Raul de Souza na minha vida, aos 10 anos e com o meu avô, que não era muito de falar, me dando a dica mais preciosa que eu poderia ganhar. Dois anos se passaram e eu soube que o Raul daria aula na Oficina de Música de Curitiba, falei com meus pais, que então já sabiam da importância dele, e fui pra lá. O ano era 1996 e aos 13 anos estava “sozinho” em Curitiba pra poder conhecer aquele super músico de quem o Vô me falava. Nesse ano houveram algumas inscrições para a aula, mas os alunos apareceram no primeiro dia para pegar autógrafos e só reapareceram 10 dias depois pra ensaiar a apresentação final, fiquei com o Raul por mais de 10 dias tendo aulas das 10h às 12h e das 14h às 16h. Numa dessas aulas, entre uma conversa e outra ficamos quietos, ele ainda fumava daqueles cachimbos muito sofisticados, então perguntei a ele:

– Acordo de manhã, pego o trombone e faço o quê?

Raul me falou pra não tocar os tons mais fáceis, fugir do que é muito óbvio e começou a escrever um exercício pra que eu fizesse da mesma forma que ele no primeiro contato com o instrumento. Logo entendi que não se tratava de um método, mas sim de uma maneira de pensar o trombone.

Raul é olho d'água, fonte pura, água que verte do chão de Campo Grande, Rio de Janeiro, em 1934. Vivenciou o choro, o samba, as gafieiras, tocou com Pixinguinha e ganhou conselhos importantíssimos de Nelson Cavaquinho, participou ativamente da consolidação da música brasileira, aprendeu e deixou sua marca no som do trombone do Brasil, instrumento de origem alemã que ganhou características muito fortes aqui, assim como o pandeiro (de origem árabe) ou o cavaquinho (de origem portuguesa), que também ganharam uma sonoridade diferente no Brasil. O clarinete do Paulo Moura não é o mesmo clarinete da Europa, a ferramenta é a mesma, mas a maneira de tocar ganhou tantos sotaques e fonemas que o instrumento soa como se fos-

se outro. Com o trombone aconteceu a mesma coisa; o que são os glissandos da malandragem? Aquele que é pra fazer graça, aquele pra chamar atenção de alguém, ou o glossário para achar o tom, tudo isso faz parte do som do trombone no Brasil. Raul de Souza levou esse cacoete, esse vocabulário, essa inteligência musical a um nível que não conhecíamos, a sofisticação do seu som é incrível. A exata quantidade de ar que ele deixa junto do timbre, isso é tudo controlado, esse é o som dele. Tem ar, é grave, tem muitos fonemas. E que precisão absoluta são os legatos? No trombone os legatos são de difícil execução, é sempre mais fácil empurrar a nota com a língua, assim temos mais exatidão entre as notas da série harmônica. Para tocar o trombone leve assim como ele é preciso muito controle. Raul alterna entre as articulações com a maior facilidade, em uma só frase ele varia entre legatos, glissandos, mordentes e acentuações em lugares inusitados, a afinação é impecável, ausência ou controle absoluto do vibrato. E não podemos deixar de reparar na parte rítmica: muito assunto, síncopas, tercinas e aquelas saídas de solo com uma frase muito rápida e logo após uma frase bem melódica, sempre conversando com a batucada. E ele chegou lá, foi um dos instrumentistas brasileiros com mais destaque na história, tocou com Sonny Rollins, Cannonball Adderley, Freddie Hubbard, conheceu dois dos seus maiores mestres no trombone: J. J. Johnson e Frank Rosolino (a esse último, de quem foi amigo próximo, ele se referia como o maior trombonista de todos os tempos). Raul teve quatro álbuns gravados nos Estados Unidos de 1975 a 1979, um pela Milestone com arranjos de J. J. Johnson e três pela Capitol, duas gravadoras emblemáticas da história do jazz. Sempre muito antenado na música do seu tempo, tinha como produtor o mesmo George Duke que gravou pianos no álbum *Off The Wall* com Michael Jackson, no ano de 1979. Além de ter se transformado em um super intérprete e ser conhecido como um melodista, como aquele cantor que “defende” a música de um compositor em um festival, Raul sempre compôs, geralmente com um parceiro para harmonizar. De 2004 em diante, as composições começam a jorrar, em parceria com Glauro Sölter e a proximidade com Mário Conde; a maturidade composicional chega incansável. Sempre que o visitava, Raul tinha uns esboços escritos sobre a mesa, trabalhou muito e hoje nos deixa todo esse legado que fica nas gravações, nos vídeos, nas melhores memórias dos amigos, e agora nesse songbook que reúne grandes momentos desse que foi um dos maiores seres humanos que eu já conheci. Agora que ele se despiu da roupa desse mundo, seu patrimônio permanece em cada nota e em cada som onde o tenhamos em nosso pensamento, é assim que permanecem os grandes, e o Raul é um gigante da música mundial.

Penso em um dia ver uma avenida importante chamada Alfredo da Rocha Viana, ou quem sabe uma rua de nome Chico Buarque de Holanda, ou então uma praça linda e cheia de árvores de nome Raul de Souza.

Sérgio Coelho

UM RETRATO DE RAUL DE SOUZA

“
O meu **som** do trombone
é azul, eu imagino o som do trombone azul
quando eu toco.”

Raul de Souza

Esta é a história de um menino humilde do Rio de Janeiro que saiu pelas estradas com um trombone pendurado nas costas e, com seu talento, criatividade e perseverança, conseguiu conquistar o mundo.

Foi em Bangu, bem distante do mar e das badaladas praias de Copacabana e Ipanema, o bairro mais quente da então capital federal do Brasil, o Rio de Janeiro, que, no inverno de 1934, mais precisamente em 23 de agosto, nasceu João José Pereira de Souza. Filho de uma dona de casa e de um pastor evangélico, o menino moreno e forte nem precisou de estímulo para mostrar que tinha bons pulmões ao emitir com força o choro inaugural.

Joãozinho, o irmão e a irmã, como a maioria das crianças daquela região e da época, cresceram entre a escola e as brincadeiras de rua com os vizinhos e parentes. E no caso dos Pereira de Souza, havia também os compromissos religiosos.

Convocado logo cedo pelo pai para ajudá-lo na Igreja Evangélica, Joãozinho começou tocando pandeiro aos nove anos de idade como acompanhante dos cultos. A partir dessa experiência musical ele passou a experimentar a flauta, o trompete, a tuba e o sax tenor.

O futebol fazia muito sucesso e ser jogador era um sonho de quase todos os garotos. Joãozinho até tentou ser goleiro do time do Bangu, fez uns treinos, mas não foi aprovado na “peneira”. Bola pra frente!

Aos 16 anos ele conseguiu um trabalho como tecelão na Fábrica Bangu e em pouco tempo já estava tocando tuba na banda formada pelos seus colegas de trabalho. Além de serem convocados para se apresentarem nas inaugurações das lojas da Fábrica, os músicos também animavam jogos de futebol e outros eventos sociais pelos bairros próximos. Aquela experiência foi marcante para o garoto.

Um pouco antes de entrar para o quartel, João pediu ao pai para lhe comprar um instrumento musical. Ele gostaria de tocar saxofone. O pai concordou, mas desde que estivesse dentro de suas posses. Os dois foram para o centro da cidade, pegaram o trem até a Central do Brasil e de lá rumaram para a Avenida Rio Branco, onde havia uma grande loja de música. Ao olhar pela vitrine, João logo se empolgou com aquelas maravilhas, a maioria importada dos Estados Unidos e da França. Mas os recursos do pai eram poucos e o que deu para comprar foi um trombone

da marca nacional Weril, instrumento que viria a acompanhá-lo por muitos anos, apesar de suas limitações técnicas.

Como que num sinal dos deuses, pouco tempo depois, o jovem João conheceria, por acaso, um dos grandes músicos da época. O encontro casual se deu em um dia em que o rapaz caminhava pela rua e ouviu o som de um saxofone vindo de uma casa vizinha. Joãozinho não titubeou e foi atrás. Ao ver aquela entidade negra de terno, que atendia pela alcunha de Pixinguinha, tocar com beleza e sofisticação, João sentiu ali que a música seria sua companheira para sempre.

Entre 1953 e 1954 ele cumpriu a vida militar de soldado raso. Ao sair do quartel, pegou seu trombone e foi tentar a sorte no centro da cidade, no Ponto dos Músicos. Era lá que os instrumentistas mais experientes e os que queriam levar a carreira a sério se encontravam em busca de oportunidades para tocar com as estrelas da época nos melhores clubes. Mas o que surgiu primeiro foi um convite de um rapaz chamado Mário, que estava formando uma banda e perguntou se ele não queria fazer uma viagem para a Bahia. “Bom, quando é?”, perguntou João. “A gente embarca hoje à meia noite”, foi a resposta. Eram oito horas da noite. O tempo era curto, mas, empolgado que ficou, João conseguiu passar em casa, arrumou algumas roupas, despediu-se da mãe e pediu ao irmão Nino para levar um recado para a companheira, Odete, com quem o jovem instrumentista já tinha dois filhos, batizados com os nomes de Raul e Rogério. A mensagem dizia para ela aguentar as pontas que ele ia ficar um mês fora para tentar ganhar um dinheiro para pagar o leitinho das crianças.

Aquela seria a primeira viagem de avião de João e tudo era novidade. Quando o avião decolou, a pressão e a dor nos ouvidos quase o enlouqueceram, até que alguém disse para ele respirar, abrir a boca e deixar o ar sair, aliviando um pouco o desconforto. O fato é que a turnê, iniciando em Salvador, na Bahia, passaria por outras cidades do nordeste brasileiro, como Aracaju, em Sergipe, Sobral, no Ceará, Maceió, em Alagoas, Teresina, no Piauí, Recife, em Pernambuco, e São Luís, no Maranhão, com apresentações em bares pequenos e casas de prostituição. O dinheiro era pouco e o deslocamento dos músicos e dos seus instrumentos eram feitos de carro, “pau de arara”, carroça, o que aparecesse pela frente. Em sua passagem por Fortaleza, João arranhou uns “freelas” para tocar na Rádio Iracema e na Ceará Rádio Clube, talvez o momento mais digno da digressão. Sua primeira turnê foi uma experiência e tanto, com direito a brigas, ameaças de mortes, perseguições policiais e de bandidos, e muito perrengue. O que era para durar 30 dias acabou virando um ano. Como telefone era raro naquela época e nem o endereço certo com o código postal de casa João sabia para poder enviar uma carta para dar notícias, a família e os parentes chegaram a pensar que o pior havia acontecido. “O grandão sumiu!”, era o que diziam, se referindo à ovelha desgarrada que era carinhosamente chamada em casa de “grandão”. Até uma cartomante os pais, que eram evangélicos, consultaram para saber se o filho ainda estava vivo.

Até que um dia, já cansado e sem dinheiro algum, João conheceu um sargento do Exército em um dos shows e lhe pediu ajuda para voltar para casa. Uma semana depois ele estava embarcando na primeira classe do navio Raul Soares, que partiu do Maranhão em direção ao Rio de Janeiro. Esperto, o músico aproveitou a viagem para tocar para os passageiros depois dos jantares e levantar um troco para não chegar em casa sem nada.

Já de volta à sua cidade natal, um dia João resolveu dar um passo que mudaria sua vida para sempre. E também o seu próprio nome. Foi quando ele resolveu participar do “Calouros em desfile”, um programa da extinta Rádio Mayrink Veiga comandado pelo mineiro Ary Barroso (1903-1964), que era uma febre entre os ouvintes da cidade. Todo mundo conhecia Ary

Barroso por meio da música “Aquarela do Brasil”, considerada uma expressão dos chamados “samba-exaltação”, e por ele ter recebido três indicações ao “Oscar” pelas músicas do filme americano “Brazil”, de 1944, dirigido por Joseph Santley. Compostas em parceria com Aloísio de Oliveira, renderam a Ary Barroso uma homenagem da Academia de Ciências e Artes Cinematográficas de Hollywood e um prêmio de “mérito” pelo samba “Rio de Janeiro” (“Isto é o meu Brasil”). Do alto de seu faro para identificar novas estrelas, após a boa apresentação do garoto de Bangu, Ary Barroso disse: “João José não é nome de trombonista. Já temos o Raul de Barros, o Raulzão. Então você vai ser o Raulzinho do Trombone!”. Estava feito o seu batismo musical.

Depois disso, João passou a se apresentar como Raulzinho, conforme a alcunha que o padrinho lhe deu. Sua autoconfiança também aumentou. E assim, de *gig* em *gig*, às vezes em troca de cigarros ou de um drink, de *jam em jam*, no *after hours* das boates da época, ele foi formando sua personalidade e desenvolvendo sua maneira de tocar.

Em 1955, aos 21 anos, Raulzinho teve sua primeira chance de mostrar serviço de verdade, e ele tratou de não desperdiçá-la. A convite do flautista Altamiro Carrilho, o instrumentista participou da gravação do disco “A Turma da Gafieira” tocando seu trombone Weril. A turma, em questão, era dirigida pelo próprio Carrilho e contava com Edison Machado (bateria), Sivuca (Severino Dias de Oliveira – vários instrumentos), Zé Bodega (José de Araújo Oliveira – saxofone, irmão do maestro Severino Araújo) e Baden Powell (violão). Esse viria a ser o primeiro álbum de Música Brasileira Instrumental da história e, para o jovem de Bangu, um importante passo para ser reconhecido entre os bambas. Mas a repercussão do trabalho na época foi pequena, enquanto a batalha pela sobrevivência continuava árdua.

Por força de uma série de circunstâncias, em 1958, Raulzinho resolveu deixar seu quente Rio de Janeiro e mudou-se para a fria Curitiba, capital do estado do Paraná, no sul do Brasil. O dever cívico falou mais alto e ele resolveu atender a um convite para integrar a Força Aérea Brasileira com a missão de levar suíngue para a Banda da Escola de Oficiais e Guardas da Base Aérea do Bacacheri. Os dias no quartel eram calmos, mas quando chegava a noite ele saía de uniforme e tudo para tocar nos dancings da cidade, que pegavam fogo quando ele tocava. Foi nesse período que Raulzinho conheceu Airto Moreira, que cantava boleros em boates de reputação duvidosa, como o trombonista gostava de recordar com um sorriso no rosto. O que os dois músicos não sabiam é que os caminhos deles iriam se cruzar muitas vezes depois e esses futuros encontros renderiam muita música boa.

Na capital paranaense o amor flechou mais uma vez o coração do jovem músico. Raulzinho se apaixonou à primeira vista por Neusa. Com ela se casou e teve três filhos, Rosângela, Luís Carlos e Carla. Dessa maneira, a história do carioca e da cidade de Curitiba ficariam entrelaçadas para sempre. Depois de cinco anos em Curitiba, em 1963, Raulzinho sentiu que precisava de novos desafios e decidiu ir tentar a sorte em São Paulo, onde o show *business* brasileiro buscava se profissionalizar.

Na “Paulicéia Desvairada”, como era conhecida a cidade, o trombonista conseguiu emprego no João Sebastião Bar, reduto da bossa nova. Lá ele conheceu e se enturmou com Flora Purim, Cesar Camargo Mariano, José Roberto Bertrami, pianista que depois fundaria a banda Azymuth, entre outros músicos e compositores. Como o show não pode parar, Raulzinho foi incrementando seu currículo com apresentações ao lado do baterista Edison Machado, do baixista e produtor musical Tião Neto, do saxofonista e flautista argentino Hector Costita e do também

trombonista Edson Maciel, feras que deram base para o aclamado álbum “Você Ainda Não Ouviu Nada!”, gravado em 1963 pelo sexteto Bossa Rio, cujo líder era o pianista e compositor Sérgio Mendes.

No ano seguinte, em 1964, Raulzinho excursionou pela Europa com Sérgio Mendes e o sucesso por onde passaram foi grande. Na volta ao Brasil entrou para o conjunto Os Catedráticos, de Eumir Deodato, com quem gravou o disco “Tremendão”. Ele ainda deixou registrado seu trombone em alguns álbuns lendários daquele período, como o do baterista Edison Machado, “Edison Machado É Samba Novo”, o do pianista Tenório Jr, “Embaló”, e o de Flora Purim, “Flora É M.P.M.”, todos do mesmo ano de 1964. No ano seguinte ele deixaria a sua marca no *longplay* “Trio 3D Convida”, o segundo álbum do grupo liderado pelo pianista e compositor Antônio Adolfo. Nessa altura seu nome já corria solto pelos bares, boates e estúdios de gravação como um músico excepcional. Foi nesse período que se deu o início de sua internacionalização, quando Raulzinho viu que podia voar além das fronteiras do Brasil.

O resultado do talento e da determinação do jovem instrumentista foi que no ano de 1965 ele conseguiu a chance de gravar pela RCA o seu próprio disco, um *longplay* LP solo, que veio a ser batizado com o título de “À vontade mesmo”. Era uma conquista e tanto para alguém que saiu de Bangu sem saber o que esperar do amanhã e que se dedicava à música instrumental, cujos discos não raro vendiam pouco na época. Fora que a situação no Brasil estava tensa e confusa após o golpe militar que depôs o presidente João Goulart no ano anterior.

Raulzinho não deixou a peteca cair. Pelo contrário, ele a rebateu para bem alto. Aquele registro era a oportunidade dele mostrar seu talento e escreve seu nome na lista dos grandes instrumentistas. O título do álbum, “À Vontade Mesmo”, uma escolha certa, dá pistas de como o disco foi pensado e executado. Do início ao fim das onze faixas, que começa com a canção que dá nome ao trabalho, de autoria do próprio Raulzinho, e passeia por temas de Tom Jobim, Carlos Lyra, Durval Ferreira, João Donato, Ed Lincoln, Bart Howard, entre outros, é um prazer ouvir o trombonista e seu coquetel de samba, *jazz*, *bebop*, bossa nova, *afro-cuban* e muito mais. Todo o repertório é executado com alma e apuro técnico na companhia do Sambalço Trio, formado por César Camargo Mariano no piano, Humberto Clayber no contrabaixo e Airto Moreira na bateria.

Uma curiosidade é que Raulzinho só passou a tocar trombone de vara a partir de 1966, na volta de algumas apresentações em Monte Carlo, Mônaco, onde pôde enfim comprar um instrumento de melhor qualidade. Nas hoje inesquecíveis performances registradas em “À Vontade Mesmo”, pode-se ouvir seu trombone de válvula cheio de balanço, com seus graves profundos. Em “À vontade Mesmo”, Raulzinho apresentou suas credenciais. Foi como se ele tivesse pegado todo o seu aprendizado do passado e juntado com o novo, no caso a bossa nova. E não era pouco, pois Raulzinho nessa altura era um dos pilares da segunda geração de artistas do movimento, uma turma que aprimorou o samba-jazz (ou sambop) em lendárias *jam sessions* nos memoráveis *Little Club* e *Bottle's*, casas noturnas que ficavam no já histórico Beco das Garrafas, em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro, notabilizadas quando citadas pelos escritores e jornalistas Ruy Castro, no livro “Chega de Saudade”, e por Nelson Motta, em “Noites Tropicais”. O brilho de Raulzinho se somava ao de uma geração que estava fazendo do samba-jazz brasileiro a melhor música instrumental do mundo. Entre seus pares, com quem tocava e aprendia, havia pianistas como Luiz Eça, Sergio Mendes e Tenório Jr., saxofonistas como Paulo Moura, Aurino e Meirelles, bateristas como Milton Banana, Edison Machado e Dom Um Romão, uma trupe do

melhor que o Brasil já produziu, todos trabalhando quase nos mesmos palcos. Era um tempo de muita música, criatividade e mágica.

Apesar disso, no Brasil daquela época, música instrumental não era pop, e a verdade mesmo é que sem empresário, sem estrutura para programar uma turnê de lançamento do seu primeiro disco, num país grande e caro para promover qualquer trabalho, Raulzinho teve que se contentar com uns poucos shows ao vivo do material maravilhoso que ele tinha reunido em seu *debut*. Após o lançamento de “À Vontade Mesmo”, Raul viajou novamente para a Europa, atuando com o baterista Kenny Clarke em clubes de jazz na noite parisiense, como o *Blue Note* e o *Elephant Blanc*. O tempo na capital francesa serviu para pesquisas, para experimentações e para flertar com os brilhos da Cidade Luz, da qual ele se tornaria anos mais tarde um habituê.

O calor dos trópicos, no entanto, não demorou a chamá-lo de volta, mas o que ele não previa é que, em sua volta, a vida ia dar uma guinada na direção do rock, ou melhor, do iêiêiê.

O iêiêiê estava em alta em todo o país, Roberto Carlos e sua trupe dominavam as paradas, e Raulzinho foi convidado para coordenar o RC7, grupo de apoio do “Rei”, como os fãs se dirigiam ao cantor e compositor nascido em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. Foi uma loucura aquele período, com muitos ensaios, shows no Brasil e fora (Argentina, Uruguai, Venezuela), programas de televisão (TV Excelsior, TV Rio, TV Record) e até cinema. Raulzinho deu um show com os músicos do RC7 no terraço do Edifício Copam, um dos símbolos da arquitetura moderna brasileira em São Paulo, enquanto Roberto Carlos interpretava a música “Quando” no filme “Roberto Carlos em Ritmo de Aventura”, dirigido por Roberto Farias em 1968. A responsabilidade de Raulzinho à frente do RC7 era grande, mas o pagamento não correspondia às expectativas dos músicos. E o pior, atrasava. Enquanto isso, em casa, os filhos e a esposa dependiam só dele e os meses de aluguel atrasado se acumulavam. Depois de algum tempo, o trombonista sentiu-se pouco valorizado e resolveu “pedir o chapéu”. Foi tudo muito rápido e muito intenso, mas aquela onda não era exatamente a praia dele.

Em 1968, Raulzinho lançou mais um disco, o álbum “Internacional Hot”, dessa vez no comando do “Impacto 8”, grupo que contava com os músicos Oberdan Magalhães (saxofone, flauta), Robertinho Silva (bateria), Frederica (guitarras), Hélio Celso (órgão, piano), Betinho (vocaís), Bill Vogel (trumpete) e Romildo (baixo). No repertório de jazz e pop internacional em levada de samba jazz, chama a atenção a versão do sucesso “Cantaloupe Island”. Mas a frustração bateu mais uma vez. Raulzinho chegou a confessar que se sentia desapontado com o cenário musical brasileiro daquela época, fora que os militares que instauraram a ditadura no Brasil quatro anos antes haviam decretado o Ato Institucional Nº 5, o AI-5, que fez aumentar a censura e a repressão a opositores do regime, fechou o Congresso Nacional e levou vários artistas à prisão ou ao exílio.

Em fevereiro de 1969, o ator e compositor francês Pierre Barouh desembarcou no Rio de Janeiro cheio de curiosidade sobre a musicalidade dos brasileiros e com uma equipe pronta para registrar o samba, um gênero musical que o fascinava. Barouh escolheu como “atores” de seu filme nomes como Pixinguinha, João da Baiana, Maria Bethânia, Paulinho da Viola, Baden Powell e Raulzinho. O documentário reúne bambas em momentos descontraídos a mostrar o melhor que sabem fazer, que é tocar e encantar, tendo como pano de fundo um Rio de Janeiro idílico, quase um clichê para turista ver, mas que ajuda a dar contornos ao ouro musical que saía dos instrumentos e das vozes dos intérpretes convidados. Quando apresentado ao público a partir de 1972, o trabalho recebeu boas críticas, sendo que Raulzinho brilha nos momentos em que aparece, especialmente ao lado de Maria Bethânia.

Fora esses eventos, viver no Brasil durante a ditadura foi difícil para Raulzinho. Era preciso mudar de ares. Pouco depois de participar do documentário francês, o trombonista aceitou um convite para tocar em hotéis de veraneio no México e lá foi ele com a família. A atmosfera relaxada das praias do país da América Central e as novidades da cultura, da língua e da gastronomia, inicialmente proporcionaram a todos um alívio das angústias sofridas no Brasil. Os shows nos hotéis eram animados, havia sempre muitos turistas por ali em busca de sol, tequila e boa música, porém o trabalho era cansativo e muitos eram os problemas. Dia sim, dia não faltava algum músico, o figurino dos músicos era amador e invariavelmente rolava alguma briga no final do expediente. Raulzinho até tentou tomar a frente da banda, desenhou dois ou três diferentes tipos de roupa para o grupo ficar com um aspecto melhor, mas no fim chegou à conclusão que o pouco dinheiro que sobrava não era suficiente para manter a família com dignidade. Diante daquele marasmo, o inquieto Raulzinho começou a buscar novas oportunidades e, quando ele viu, estava tomando conta de um hotel local como uma espécie de sub-gerente. Foi bom no início porque lá conseguiu acomodação para ele, a família e alguns músicos morarem. Porém, para azar da trupe, os hóspedes daquele estabelecimento não queriam saber de música, só de relaxar ao sol, e o negócio deu para trás.

Um dia o telefone tocou em Acapulco, ainda era cedo, e Raulzinho abriu um sorriso no rosto moreno ao ouvir a voz de Flora Purim e Aírto Moreira. Os velhos amigos que estavam no auge da popularidade nos Estados Unidos queriam trabalhar com ele de novo. Flora Purim prometeu enviar mil dólares para a conta de Raul no México e lhe passou um endereço para onde ele devia enviar o trombone. O instrumentista não pensou duas vezes, era a chance de ouro. *Adiós muchachos! Hasta la vista!* Foi só o tempo de arranjar o voo e organizar a bagagem. Antes de deixar o México, uns amigos pescadores capturaram uma tartaruga enorme e ofereceram a Raulzinho uma festa de despedida típica local.

No caloroso agosto de 1973, uma semana depois, enquanto a esposa e os filhos tomavam o rumo do Brasil até as coisas melhorarem, Raulzinho desembarcou em Los Angeles para se juntar aos artistas do grupo de Flora Purim e Aírto Moreira na turnê que faziam com os “Crusaders”. A boa repercussão dos shows deram ânimo ao trombonista para permanecer na terra do Tio Sam após ter cumprido as datas programadas e uma de suas primeiras providências depois que acabou a digressão foi viajar até Boston para uma temporada de pesquisas e estudos na *Berklee College of Music*. Mas ele acabou ficando pouco tempo por lá.

No início de 1974, já morando em *Los Angeles*, Raul de Souza, como ele passara a se apresentar, engrenou uma série de trabalhos com Aírto Moreira e Flora Purim, oportunidades estas que o carioca de Bangu aproveitou para dar o seu melhor e fascinar o mundo do jazz. Impressionado com a atuação do instrumentista no disco “Stories to Tell” (1974), de Flora Purim, o diretor artístico e produtor Orrin Keepnews convidou o trombonista para gravar pela Milestone, com produção de Aírto Moreira.

O fruto dessa parceria é o reluzente álbum “Colors”, cujo título dialoga com as projeções libertárias da época. Como Raul era recém-chegado à Los Angeles, coube ao amigo de longa data Aírto Moreira montar o time de músicos para as sessões de gravação, e ele chamou alguns dos ídolos do trombonista brasileiro para o projeto. Um desses ídolos era o lendário J.J. Johnson, que tocou trombone e ficou incumbido de fazer os arranjos e conduzir a fenomenal seção de metais composta por nomes como Jerome Richardson (flauta e saxofone), Snooky Young (trumpete e flugelhorn), Oscar Brashear (trumpete e flugelhorn), Don Waldrop (trombone baritone Horn), George Bohanon (trombone) e o estiloso Sahib Shihab (saxofone e flau-

ta), que já havia tocado ao lado de John Coltrane, Thelonious Monk e Blakey, entre outros. O outro ídolo atendia pelo nome de Cannonball Adderley, que veio a deixar sua colaboração como solista de sax alto nas faixas “Canto De Ossanha”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, e em “Chants To Burn”, de Barry Finnerty. O trombonista brasileiro pensava que estava vivendo um sonho e na verdade estava. O baixista Richard Davis, o baterista Jack DeJohnette e o percussionista Kenneth Nash comandaram a cozinha, enquanto os teclados ficaram nas mãos de Ted Lo, nascido em Hong Kong, mas que Raul havia conhecido em Boston. Airto Moreira também tocou percussão em algumas faixas, mas seu nome foi suprimido por questões contratuais. Gravado em outubro de 1974, o disco é o registro da musicalidade de um artista no auge de sua forma e criatividade. Raul de Souza encanta e emociona em suas intervenções nas sete faixas do álbum, uma melhor do que a outra. Na faixa “Festival”, um calipso maroto e épico da autoria de DeJohnette, o baterista e Airto Moreira fazem um belo diálogo rítmico, de mãos ora leves, ora pesadas. “Naná”, de Moacir Santos, ganhou contornos de funk. “Chants to Burn”, do guitarrista Barry Finnerty, virou um experimento de *fusion* e *hard-bop*. Na balada etérea de Chick Corea, “Crystal Silence”, Raul segue um approach lírico com virtuosismo que só ele era capaz. “Water Buffalo”, por seu turno, a única faixa autoral do trombonista brasileiro no álbum, é como uma ponte para o passado, pois foi criada a partir do encontro dele com um búfalo nos tempos em que viveu em Curitiba.

Desde que chegou às lojas e rádios americanas na primavera de 1975, “Colors” fascina novos ouvintes a cada ano pelo repertório bem escolhido, executado de forma orgânica e enérgica. Sua concepção é acachapante. Não é à toa que muitos fãs consideram este disco a obra-prima de Raul de Souza. Entre vários prêmios e distinções, o álbum virou matéria de estudo na renomada Berklee College of Music.

Depois de “Colors”, o nome de Raul de Souza começou a circular entre os músicos e produtores como um instrumentista polivalente, de bom gosto, e ele teve a chance de participar de sessões de gravação na companhia de Sonny Rollins (“Nucleus”, 1975), Cal Tjader (“Amazonas”, 1975), e de concertos com J. J. Johnson, George Duke, Freddie Hubbard, Frank Rosolino, Cannonball Adderley, Azar Lawrence, entre outros grandes nomes.

Foi nessa ocasião, em 1975, que Raul teve a ideia de inventar o “souzabone”, uma variação do trombone, com quatro válvulas cromáticas em vez das tradicionais três, e afinado em dó. Para colocar sua ideia em prática, ele buscou a ajuda de Dominique Calicio, uma espécie de luthier e inventor que vivia em Los Angeles.

Pouco depois, enquanto excursionava pelos Estados Unidos com Airto Moreira, Sérgio Mendes procurou Raul e o convidou para o time dos músicos que gravou em outubro e novembro de 1975 o disco “Home Cooking”, lançado em maio de 1976 nos EUA pela Elektra e, no mês seguinte, pela RCA no Brasil. Nesse singular álbum de Sérgio Mendes, que contou também com participações especiais de Gilberto Gil, Hermeto Pascoal e outros músicos, Raul teve a primeira e única chance de fazer uma gravação com o amigo muito admirado, Frank Rosolino.

Na sequência ele deixaria seu nome e sua musicalidade registrada em uma série de importantes discos, como “Identity” (1975) e “Promises of the Sun” (1976), de Airto Moreira; “Milton” (1976), de Milton Nascimento; “Encounter” (1977) e “Nothing Will Be As It Was... Tomorrow” (1977), de Flora Purim; “I’m Fine, How Are You?” (1977), de Airto Moreira; “Slave Mass” (1977), de Hermeto Pascoal; “Caldera” (1977), do grupo de *jazz fusion* de mesmo nome, e em “Reach For It” (1977), de George Duke, com quem excursionou em seguida.

Em 1977, Raul de Souza assinou contrato com a gravadora Capitol para três trabalhos. Os fru-

tos dessa parceria foram os álbuns de jazz-pop-funk-r&b “Sweet Lucy” (1977) e “Don’t Ask My Neighbors” (1978), produzidos por George Duke, e “‘Til Tomorrow Comes” (1979), produzido por Arthur Wright.

Os dois primeiros discos americanos de Raul de Souza venderam bem. “Don’t Ask My Neighbors” chegou à posição #26 nas paradas de Jazz da Billboard, enquanto a música “Jump Street”, uma das faixas do álbum, foi escolhida para fazer parte da trilha sonora de “The Hitter” (“O Último Round”), um filme de ação americano no estilo blaxploitation lançado em 1979 e dirigido por Christopher Leitch.

Nesse meio tempo, Raul ainda voltou a colaborar com Flora Purim nos álbuns “Everyday Everynight” e “Walking Away”, de 1978, e em “Carry On”, lançado em 1979.

A importância e a grandeza dos trabalhos em que Raul de Souza tomou parte naquele período nos Estados Unidos não resultou em uma melhora substancial no padrão de vida do artista. Segundo ele, o dinheiro ganho com a venda dos discos foi pouco, pois os contratos eram “leoninos”. Por outro lado, a aventura americana do mais internacional dos trombonistas brasileiros deu bons frutos. Em sua temporada nos Estados Unidos, Raul de Souza foi considerado pela renomada revista *Down Beat* um dos cinco melhores trombonistas de jazz do mundo, enquanto que, para os críticos e leitores da *New York City Jazz Magazine*, ele era o número um do instrumento. E seu nome foi incluído na “*The Encyclopedia of Jazz in the Seventies*”, dos críticos Leonard Feather e Ira Gitler.

Em 1980, Raul de Souza voltaria a se encontrar com o tecladista, compositor e produtor californiano George Duke, fundador da banda “*The Mothers Of Invention*”, na gravação do álbum “*A Brazilian Love Affair*” do músico norte-americano. No mesmo ano encontrou-se também com Airto Moreira, durante as sessões de gravação de “*The Colors of Life*”.

Junto com estrelas internacionais como Frank Rossolino, Stanley Clarke, Airto Moreira, Roland Bautista, Ngudu e o próprio George Duke, Raul de Souza participou da primeira edição do Festival Internacional de Jazz de São Paulo, realizado no ano de 1980. O dueto do brasileiro com Frank Rossolino foi marcante e Raul também se apresentou com sua banda tocando o repertório de “Don’t Ask My Neighbors”. Foi um sucesso!

Além dos improvisos e do swing, todo mundo notou a cabeleira e o figurino black power que Raul ostentava, moda nos States naquela época. Parecia que o músico estava integrado ao “american way of life”, pois já fazia oito anos que ele não retornava ao Brasil. Mas nem deu tempo de esquentar lugar. Logo depois ele voou de volta para os Estados Unidos, pois estava com uma turnê americana agendada. Na passagem pela cidade de Atlanta, na Geórgia, recebeu do prefeito, um ex-estudante de trombone e fã do brasileiro, a chave da cidade e o título de cidadão honorário. Foi uma honraria que o instrumentista sempre fez questão de lembrar com carinho.

Num lance de azar, pouco depois Raul sofreu um acidente, foi vítima de um atropelamento em Los Angeles e quebrou as duas pernas. O músico foi submetido a várias cirurgias e passou uma temporada de mais de três meses no hospital. Além do sofrimento e das dores, teve que suportar a perda de várias oportunidades de mostrar sua música ao vivo. A recuperação foi lenta. Impossibilitado de andar e tocar seu trombone, Raul se aperfeiçoou no saxofone tenor, instrumento com o qual gravou o LP “Viva Volta”, de 1986.

Para surpresa de muita gente, recuperado do atropelamento e apesar das sequelas, Raul de Souza resolveu voltar para o Brasil e não mais regressar aos Estados Unidos. Tal decisão parecia inusitada, uma vez que depois de muita batalha parecia que enfim ele havia conquistado um lugar

especial na cena americana. Mas só quem conviveu com Raul de Souza sabia que a batalha para chegar onde ele havia chegado tinha sido grande, e o cansaço e o desgaste deixaram marcas no corpo e na mente. Um dos sintomas desse desgaste foi o fim do relacionamento com a americana Marilyn Castle, com quem vivia em Los Angeles. No fundo, ao que parece, bateu forte a saudade do seu país e da família. Além disso, Raul sabia que precisava de um tempo para se reciclar e assim procedeu. Arranjou um apartamento em São Paulo e por lá ficou a fazer shows e a compor. Também encontrou tempo para gravar com Djavan (“Luz”, 1982), Alex Merck (“Minds and Bodies”, 1983) e com o velho amigo Airto Moreira, em “Aqui se puede” (1986) e em “Samba de Flora” (1989).

Em 1991, a convite do roqueiro português Rui Veloso, Raul de Souza participou do disco “Auto da Pimenta”, o que lhe rendeu alguns shows por Portugal. O carioca gostou tanto da terrinha portuguesa que acabou passando uma temporada de meses por lá, na Praia de Carcavelos, não muito distante de Lisboa.

Em 1993, já perto dos sessenta anos, Raul de Souza conheceu Ercília Barcelos, a Lia, durante o Free Jazz Festival realizado no Hotel Nacional no Rio de Janeiro. Pouco depois os dois já estavam vivendo juntos em Laranjeiras e dessa união nasceu a filha mais nova do trombonista, que recebeu o nome de Izabela. Nesse mesmo ano o músico gravou um novo trabalho, “The Other Side of The Moon”, e foi convidado para participar de “Antônio Brasileiro”, o último álbum de Antonio Carlos Jobim. O álbum foi gravado de setembro de 1993 a janeiro de 1994 em clima de família, como Tom gostava nessa fase. Entretanto, o maestro da bossa nova não viu o seu derradeiro trabalho ser lançado, pois faleceu três dias antes, em 11 de dezembro de 1994. Apesar de contente com sua participação no trabalho, a partida do maestro Jobim aos 67 anos foi um baque para Raul, que sempre admirou muito o pianista e compositor, tendo gravado, ao longo de sua carreira, vários temas dele em seus discos. Com sua alta qualidade e inventividade, “Antônio Brasileiro” teve sucesso de crítica e público e acabou agraciado com o Grammy.

Outros trabalhos realizados por Raul no período merecem destaque, como os discos de Taiguara (“Brasil Afri”, 1994), de Airto Moreira (“Jump”, 1995), de Hélio Celso (“Sonho Carioca”, 1995) e João Donato e Eloir de Moraes (“Café com Pão”, 1997).

Como o ponto de chegada de ontem pode ser o ponto de partida de hoje, eis que Raul de Souza decide novamente tomar o caminho do aeroporto. Em 1997, ele e a companheira Lia, junto com a filha Isabella, resolvem ir viver em Paris. Era uma nova investida na carreira internacional e a realização de um sonho antigo. Uma vez instalado, a partir da capital francesa Raul passou a se apresentar em outros países da Europa.

Antes do fim da década, o brasileiro ainda encontrou tempo para gravar o álbum “Rio”, no ano de 1998, projeto dele que contou com a participação do trombonista Conrad Herwig. Participou de um tributo a Pixinguinha comandado pelo trombonista paulista Bocato, em 1999, e do disco “Esperança” (2000), da cantora, compositora, e violonista nipo-brasileira Lisa Ono. Mas o relacionamento com Lia não resistiria às intempéries.

Com a chegada do novo milênio, já casado com a francesa Yolaine, Raul de Souza grava uma série de discos importantes, aclamados como sucessos de público e crítica. Sua base de fãs também se renova, aparecem nos shows novas caras que até então só o conheciam pelo que se ouvia contar. Nessa fase passa a ser idolatrado como referência pela nova geração de trombonistas, aplaudido pelo seu virtuosismo e a capacidade de improvisar, graças em parte ao relançamento em CD de seus primeiros trabalhos. Esse reconhecimento toma a forma de homenagens diversas, como no sucesso “Sou Negrão”, de 2001, cantado pelo *rapper* paulista Rappin Hood e pela

sambista, compositora e política carioca Lecy Brandão, em cuja letra Raul de Souza é citado ao lado de bambas como B.B. King, Miles Davis, Pixinguinha, Cartola e Grande Othelo, como exemplos para a molecada do Brasil.

No campo internacional, o encontro com os músicos da banda Ziskakan lhe renderia a participação no disco “Live”, de 2003, e shows por lugares onde ele ainda não havia tocado, como a Ilha Réunion, localizada no Oceano Índico, de onde o grupo era originário.

Na fábrica mágica de sons de Raul de Souza a produção e a criação nunca pararam e na sequência vieram os discos “Splendid Night”, de 2003, “Elixir”, de 2005, com “Claire Michael Group”. Este trabalho, em especial, marcou as comemorações dos 70 anos de vida do trombonista, mas não só, também saxofonista, compositor e arranjador.

Logo em seguida, a convite do diretor de cinema Sylvio Bach, Raul de Souza compôs a trilha sonora para o filme “Lost Zweig”. O trabalho de composição foi dividido com o pianista Guilherme Vergueiro, sendo que grande parte da criação foi improvisada no estúdio enquanto os músicos assistiam à primeira versão da película.

No mesmo ano de 2005, Raul de Souza colocou em prática um projeto sinfônico, uma performance com variações jazzísticas sobre a obra de Brahms, seu compositor predileto. A apresentação com a Orquestra Jazz Sinfônica se deu no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo, e foi registrada para virar um documentário (ainda não lançado quando da escrita desta publicação). Dois anos depois, em 2007, o convite da cantora Ithamara Koorax para Raul participar do disco “Brazilian Butterfly” levaria o trombonista a gravar ao lado do baixista norte-americano Ron Carter, do pianista afro-cubano Gonzalo Rubalcaba, e do velho conhecido Dom Um Romão, baterista ligado à origem da bossa nova. O ambiente favorável para a economia e para a cultura no país, em pleno governo de Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, fez com que Raul de Souza passasse a dividir seu tempo entre a França e a sua terra natal.

Do encontro com o contrabaixista curitibano Glauco Sölter e seus companheiros da banda Na Tocaia – Endrigo Bettega (bateria), Jeff Sabbag (teclados) e Mário Conde (guitarras) – nasce, em 2006, o álbum “Jazzmin”, cujo repertório de clássicos e novas composições foi bem recebido por fãs e jornalistas da área cultural, rendendo-lhes apresentações em vários estados do Brasil e em outros países. No ano seguinte, o trombonista foi um dos destaques da programação da Virada Cultural de São Paulo. O show histórico que Raul e banda apresentaram no Theatro Municipal teve todos os lugares esgotados e uma enorme fila na porta, formada por velhos e novos fãs.

Raul de Souza gostava de fazer amigos e cultivou muitas boas amizades. Do nosso encontro em 2008, surgiu o álbum “Bossa Eterna”, que se tornou um grande êxito comercial e de crítica, sendo considerado por jornalistas e profissionais do mercado o melhor disco em homenagem aos 50 anos da bossa nova. As gravações foram feitas no verão daquele ano no estúdio da gravadora Biscoito Fino, no Rio de Janeiro, em clima de total descontração e alegria. Raul estava feliz e pleno com o repertório escolhido e com a companhia de velhos amigos, que atenderam ao convite dele para participarem na empreitada: João Donato no piano, Robertinho Silva na bateria e percussões, Luiz Alves no contrabaixo e Maurício Einhorn na harmônica. As audições finais foram feitas em clima de festa na casa do amigo João Donato, na Urca, à beira-mar, onde o chef Raul presenteou os convivas com uma de suas especialidades culinárias: Rabada de Porco. O álbum “Bossa Eterna” não foi só um feito em termos histórico- musicais. Por meio dele, Raul de Souza (e banda) foi convidado a tocar em cidades grandes e pequenas por onde nunca havia estado antes, tanto no Brasil como no exterior, lotando teatros, casas de concertos e festivais.

O trombonista também ganhou bastante destaque na imprensa cultural e foi convidado a se apresentar em diversos programas de televisão e de rádio por onde passou.

Depois de uma extensa turnê e participação em discos e shows de outros artistas, em 22 de Novembro de 2012 Raul de Souza subiu ao palco do Teatro do Sesc Vila Mariana, em São Paulo, para a gravação do seu primeiro DVD, “O Universo Musical de Raul de Souza”. Lançado pelo Selo Sesc, o box do DVD trouxe ainda um presente adicional para os fãs do trombonista, um novo álbum inédito, gravado em estúdio, batizado de “Voilà”. Foi a celebração perfeita dos 55 anos de carreira e 75 de vida. Tanto no DVD quanto no CD, Raul apresenta-se radiante, profundamente inspirado, cheio de energia, desfilando composições próprias e temas do “Santo John Coltrane”, como ele se referia ao saxofonista, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Pixinguinha, Altamiro Carrilho, Djavan, Freddie Hubbard, Hermeto Pascoal, entre outros. Para o show gravado ao vivo, os convidados foram os parceiros de muitas aventuras, Altamiro Carrilho, João Donato e Héctor Costita. Raul de Souza e sua banda, formada pelos músicos Glauco Sölter (baixo acústico), Mario Conde (guitarra), Fábio Torres (piano), Sérgio Machado (bateria) passaram por diversos gêneros musicais em um repertório que foi escolhido a dedo pelo trombonista e sua equipe para ilustrar todo o percurso de sua carreira. A alegria dos envolvidos era grande. Altamiro, um dos padrinhos de Raul de Souza, estava tão feliz de participar do espetáculo que no final do show apareceu de surpresa no palco para improvisar com sua flauta em “Funky Man”, composição do próprio Raul. Seria sua última apresentação ao vivo. Nos bastidores, o flautista declararia: “Raul de Souza é o gênio do trombone”.

Em uma entrevista sobre o DVD, Raul de Souza chegou a declarar que apesar da carreira de trombonista ser mais complicada do que a dos cantores, pianistas e bateristas, ele se considerava um vencedor, pois era o único músico de sopro brasileiro a aparecer desde os anos 70 no “*Readers Pool Winners*” da Revista *Down Beat*. “Ser um bom músico é dom divino”, disse, citando outros exemplos, como John Coltrane, Miles Davis, Freddie Hubbard e Sonny Rollins. E foi além: “Estou muito feliz porque o Brasil hoje reconhece meu valor como músico e eu faço parte, ao lado de Tom Jobim, Maria Bethânia, Villa Lobos e outros, do patrimônio cultural brasileiro e mundial”.

Nominado pelo DVD, em 2013, Raul de Souza foi um dos vencedores do 24º Prêmio da Música Brasileira, na categoria “Melhor Solista”. Ao subir ao palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro para receber o prêmio, a plateia o aplaudiu com entusiasmo. Era um momento importante para sua história e trajetória: primeiro DVD, primeiro Prêmio da Música Brasileira. No backstage, o instrumentista foi parabenizado por inúmeros amigos e colegas de profissão. Este foi mais um reconhecimento que veio se juntar a outras honrarias colecionadas pelo artista ao longo da carreira, como o Prêmio “Melhores do Ano – Programa de Paulo Santos”, da Rádio MEC do Rio, em 1957; o título de “Cidadão Honorário” da cidade de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1978; a escolha como “Melhor Trombonista de Jazz” no New York City Jazz Magazine Awards de 1979; a homenagem que recebeu em 2004 no Chivas Jazz Festival – Brasil, para citar algumas. A turnê com o repertório do DVD foi apresentada em várias cidades do Brasil e pelo mundo afora, tendo passado por palcos icônicos, como o de Montreux, na Suíça. Como um autêntico *voyager*, um viajante nas ondas musicais, Raul de Souza levou seu som até a Índia onde, segundo ele, se sentiu em casa por conta do seu biotipo parecido com os habitantes locais.

A idade nunca foi um impeditivo para Raul de Souza e sua energia criativa transbordava dia e noite. Em 2016, veio à luz do dia o álbum “Brazilian Samba Jazz”, seguido de “Jobim’s Tribute by

Raul de Souza”, em 2018, um novo aceno e uma nova homenagem ao admirado Tom Jobim. Em “Blue Voyage”, álbum de 2018 gravado em Chamonix, na França, e considerado por alguns críticos um dos pontos altos de sua carreira, Raul seguiu fundindo o *jazz* com a música brasileira e mundial, em sintonia com o seu tempo, fazendo de sua música uma mensagem de luz, amor e esperança. O álbum é uma viagem musical e sentimental de um artista que correu o mundo com suas turnês e traz, nos títulos das canções, memórias de lugares por onde esteve, da Vila Mariana, em São Paulo, à Bangalore, na Índia, passando por Paris e Chamonix, e de pessoas com quem partilhou bons momentos, como Sonny Rollins. Em plena forma, a todos os pulmões com seu inseparável trombone e o companheiro saxofone, o músico não deixou de surpreender com criatividade e requinte em sua “viagem azul”. Ouvir as faixas desse disco é uma experiência sonora renovada, um deleite para os ouvidos.

A carreira e a história de Raul de Souza é cheia de reviravoltas e, como um sinal dos tempos, o álbum feito para celebrar seus 85 anos de vida recebeu o título de “Curitiba 58”. Lançado em 2020, o disco soa como um tributo a amigos do coração, a si próprio e ao seu tempo, sempre com a marca indelével de seu amor pela essência musical.

O Raul de Souza instrumentista, compositor, arranjador, produtor, pai, avô, bisavô, companheiro e amigo, era também um bom contador de histórias, e sua vida é cheia de lembranças interessantes. Raul de Souza modificou o esquema de improvisação dos americanos e foi reconhecido por quem entendia bem do assunto, como Frank Rosolino, que dizia que o brasileiro primeiramente inovou pelo instrumento que tocava, trombone meio baixo, além de possuir uma maneira de improvisar imaginativa, completamente diferente do pessoal que passou por escolas de música. Em suas performances, Raul de Souza contava uma história enquanto improvisava, e isso mudou a cabeça dos americanos que o ouviram. Tais recursos o fizeram admirado não só nos Estados Unidos, mas em todos os cantos do mundo.

Raul também era um filósofo, um pensador, e se expressou algumas vezes sobre a forma como via sua música. Uma história que ele gostava de repetir era:

“O meu som do trombone é azul, eu imagino o som do trombone azul quando toco”.

Outra qualidade do músico era sua elegância no vestir. Raul sempre cuidou do visual, sempre esteve atento ao estilo, gostava de se apresentar de forma impecável. Essa preocupação estava diretamente ligada ao fato de que ele era uma estrela e sabia que as verdadeiras estrelas devem oferecer aos fãs uma experiência memorável em todos os detalhes. Além do mais, Raul de Souza sempre encarou sua capacidade de executar música como um dom e foi fundo na missão de emocionar os ouvintes. Por onde passou atraiu a atenção dos mais sensíveis e refinados apreciadores e pesquisadores da música brasileira, do jazz e de qualquer outra vertente musical em que se expressou. Sua longa carreira musical atravessou décadas como um cometa que rasgou o céu abrindo caminhos e expandindo as fronteiras de um instrumento mágico, como é o trombone.

“Plenitude”, gravado no início de 2020, é um belíssimo álbum com um título mais do que apropriado para seu derradeiro adeus. Nele, é como se Raul de Souza e sua música alcançassem a eternidade. Infelizmente, e para surpresa e pesar dos seus muitos fãs, admiradores e familiares, em novembro daquele mesmo ano Raul anunciou a aposentadoria dos palcos por conta de um câncer na garganta.

Foi um baque enorme para a família, os amigos e os fãs. Mas Raul não deixou de tocar ou de pensar em música. Ele foi se tratar e tinha inúmeros planos pela frente. Logo depois, veio a pan-

demia de Covid-19 que abalou o mundo provocando medo e desespero. Mesmo fragilizado, Raul mantinha a esperança em dias melhores pela frente e falava com os mais próximos dos projetos que tinha para manter seu legado. Entretanto, depois de um longo período de cuidados e tratamento em Paris, Raul de Souza teve alta e foi para sua casa, no Sul da França. Foi lá que em 13 de junho de 2021 ele veio a falecer. Entretanto, para os ouvintes e fãs, Raul ascendeu ao céu como um mestre iluminado e continuará brilhando como uma estrela de primeira grandeza. Em sua trajetória fulgurante, atingiu o nível de excelência na profissão que escolheu e deve ser lembrado e louvado como um patrimônio da música e da cultura brasileira reconhecido em todo o mundo.

Wagner Merije



PARTITURAS

À Vontade Mesmo	26	Primavera em Paris	45
A La Donato	28	Rio Loco	46
Blue Voyage	30	ST. Remy	48
Bocato	32	Saudade do Frank	50
Bom Momento	33	The Other Side of The Moon	51
Bolero à Chamonix	34	Violão Quebrado	52
Brazilian Samba Jazz	36	Vila Mariana	54
Bossa Eterna	38	Yolaine	57
Caminhando com o Mestre	39		
Curitiba 58	40		
Descendo da Mangueira	42		
Jump Street	44		

À VONTADE MESMO

RAUL DE SOUZA

INTRO

Musical notation for the intro, measures 1-4. Treble clef, 2/4 time. Chords: Gm7, Fmaj7, Eø7, Dm7, Gm7, A7.

Musical notation for measures 5-8. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7, G7.

Musical notation for measures 9-12. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, G7, A7, Am7.

Musical notation for measures 13-16. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7, G7.

Musical notation for measures 17-20. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Eø7, A7, Dm7, Dm7.

2

Musical notation for measures 21-24. Treble clef, 2/4 time. Chords: Cm7, F7, Bbmaj7, Bbmaj7.

Musical notation for measures 25-28. Treble clef, 2/4 time. Chords: Bbm7, Eb7, Eb7, Abmaj7, Eø7, A7.

Musical notation for measures 29-32. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7.

Musical notation for measures 33-36. Treble clef, 2/4 time. Chords: G7, Dm7, Eø7, A7, Dm7, A7. Marked 'FIM' at the end.

36 IMPROVISO

Musical notation for measures 37-43. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7, G7, Dm7, G7, A7, A7.

Musical notation for measures 44-51. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7, G7, Dm7, Eø7, A7, Dm7, Dm7.

Musical notation for measures 52-59. Treble clef, 2/4 time. Chords: Cm7, F7, Bbmaj7, Bbmaj7, Bbm7, Eb7, Abmaj7, Eø7, A7.

Musical notation for measures 60-67. Treble clef, 2/4 time. Chords: Dm7, Dm7, G7, G7, Dm7, Eø7, A7, Dm7, Dm7. Ends with a double bar line and repeat dots.

A LA DONATO

RAUL DE SOUZA

INTRO

Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

5 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

9 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

13 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

17 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

21 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

25 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Fm7 Fm6 Fm7 Fm6

29 Ebmaj7 Eb6 Ebmaj7 Eb6 Aø7 D7(b9) Gm7 C7(b9)

33 Fm7 Bb7 Aø7 Aø7 D7(b9) Gm7 C7(b9)

2 37 Fm7 Bb7 Ebmaj7 Fm7 Bb7 Bmaj7 Dbmaj7 Ebmaj7

41 **SOLISTA**

43 **IMPROVISO**

APÓS SOLOS AO S E CODA

47 Bmaj7 Dbmaj7 Ebmaj7 **BATERIA** Ebmaj7

BLUE VOYAGE

RAUL DE SOUZA

INTRO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34

2

38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100

AO S ATÉ IMPRO COM REP
E FIM

BOCATO

RAUL DE SOUZA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

Chords: Gmaj7, Em9, Gm7, Dm7, G7, C7, Bø7, Am7, D7(b9sus4), Gm7, Cmaj7(#11), Am7, Gm7, Dm7, Bbmaj7(#11), Gm7, Cmaj7, B7(b13), Em7, A7, D(sus4), D7(b9)

BOM MOMENTO

RAUL DE SOUZA

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

Chords: Fm7, E7(#9), Abmaj7/Eb, Dm7, Dbmaj7, Cm7, Bbm7, Bbm7/Ab, G7(b13), C7(b9), Fm7, Dbmaj7, D7(#9), G7(b13), Gø7, C7(b9), Fm7, Gm7, Abmaj7, D7(#9), Dbmaj7, Eb7(sus4), Fm7, Cm7, Gø7, C7(b9), Dbmaj7, Cm7, Bbm7, C7(sus4), C7, Fm7, Fm7/Eb, Dbmaj7, Eb7(sus4), Gbmaj7

BOLERO À CHAMONIX

RAUL DE SOUZA

INTRO $\text{♩} = \text{♪♪♪}$

Am7 G#o7 F#o7 3 Ema7(#5) 3 G7(SUS4) 3 F#9 3

4 F7(b9SUS4) F7(b9SUS4) F7(b9SUS4)

7 Ab7(SUS4) Gm7(ADD11) Gb13 Eb(SUS4) Bb7/D Dbmaj7(#11) Ab/C

12 Gb/Bb Ab/C Dø7 Eb(SUS4) Ema9(#11) F7(b13)

16 Gbm7 Gbm(maj7#11) G13(SUS4) G7(b9) Ab% F/A Bb(SUS4) C(SUS4) F7(b13)

20 Bbm7 C7(b9) $\text{♩} = \text{♪♪♪}$ Fmaj7/A E(ADD9)/G#

23 D/F# E7(b9SUS4) G7(SUS4) Gb9 F(SUS4b9) F7(b13)

27 Bbm7 Eb13 F/A Abmaj7 Dbmaj7 Eb9 $\text{♩} = \text{♪♪♪}$ Gbmaj7

31 Gbmaj7 Gbmaj7 Ab7(SUS4) Gm7(ADD11) Gb13

2 34 IMPROVISO

Eb(SUS4) Bb7/D Dbmaj7 Ab/C

38 Bbm7 Eb9 Gbmaj7 Ab(SUS4)

42 $\text{♩} = \text{♪♪♪}$ FADE OUT Gbmaj7

BRAZILIAN SAMBA JAZZ

RAUL DE SOUZA

Musical score for page 36, measures 1-30. The score is in 4/4 time and features a variety of chords and melodic lines. The key signature has one flat (B-flat). The score includes several sections marked 'FUNK' and 'SAMBÁ'. The chords are: 1-3: Am7, D7, Gm7, C7, Bbm7, Eb7(b9); 4-6: Bm7, E7(b9), Am7, D7, Bø7, E7(#9); 7-9: Dm7, G7, Cmaj7, Fmaj7, Abmaj7, Ab7(SUS4); 10-12: G7, Gb7(b5), Fmaj7, E7; 13-15: Am7, D7(#9), Gm7, Am7; 16-18: Bbmaj7, C7(SUS4), Dm7, G7; 19-21: Cmaj7, Fmaj7, F#ø7, B7; 22-24: Em7, Em7, Dm7, G7, Gm7, C7; 25-27: Em7, Em7, Dm7, G7, Gm7, C7; 28-30: Fmaj7, Dm7, E(SUS4b9), E7(b9). The score ends with a double bar line and a key signature change to C major.

Musical score for page 37, measures 32-48. The score is in 2/4 time and features a variety of chords and melodic lines. The key signature has one flat (B-flat). The score includes several sections marked 'SAMBÁ', 'IMPROVISO', and 'FUNK'. The chords are: 32-35: Fmaj7, Ebmaj7, Fmaj7, Ebmaj7; 36-39: Am7, D7, Gm7, C7, Bbm7, Eb7, Bm7, E7; 40-43: Dm7, G7, Cmaj7, Fmaj7; 44-47: F#ø7, B7, Em7, followed by a double bar line and the instruction 'APÓS SOLOS AO S E CODA'; 48-51: Fmaj7, Ebmaj7, Fmaj7, Ebmaj7. The score ends with a double bar line and a key signature change to C major.

BOSSA ETERNA

RAUL DE SOUZA

INTRO

Fmaj7 C9(SUS4) Fmaj7/C Fmaj7/C Fmaj7 C9(SUS4) Fmaj7/C Fmaj7

8 (Fmaj7) Fmaj7 E♭7 A7

12 Dm7 Dm7 Cm7 F7

16 B♭maj7 A7(b9) Dm7 Dm7

20 G13 G13 Gm7 C7 Gm7 C7

26 B♭maj7 B♭maj7 Am7 D7

30 Gm7 C7 Fmaj7 F7

34 B♭maj7 B♭maj7 Am7 D7

38 Gm7 C7 Am7 D7(b9) Gm7 C7(b9) F

AO S PARA SOLOS

CAMINHANDO COM O MESTRE

RAUL DE SOUZA

4

5 Dm7 G9 D♭7(b9) B7(b9)

9 (Fmaj7) B♭/A♭ G♭7(b5)

13 Fmaj7/A Fm6/A♭ Gm7 C7

17 E7(#9) Fmaj7/C B♭/D C#o7

21 Cm7 B7(b5) B♭7(b5) Bm11

25 Em7 Em6 A7 A♭7 Ab7(b5) Gm7 Gm/F

31 E♭7 E♭7 G/A B♭/A

35 B♭/A♭

AO S PARA SOLOS E CODA PARA FIM

CURITIBA 58

RAUL DE SOUZA

Musical score for Curitiba 58, measures 1-34. The score is in 4/4 time and G major. It features a melodic line with triplets and a bass line with chords. Chords include Em7, F9, B7(b9), Am7, D7(b9), Gmaj7(#5), Cmaj7, F#7(#11), C9, F#7, B7(b9), Em7, Bm7, Bb13, Am7, D7, Gmaj7, Em7, Cmaj7, C#7/G, F#7/C, B7(b9), Em7, F#7, Cmaj7, B7(b9), Em7, F9, B7(b9)/D#, Em7, Cm7, B7(b9), E7(#9), Bbm7, A7(b9), D(sus9), Ab7(b9), Eb7(#9), C#7(#9), F#7(#9), B7(sus4), B7(b9), and Em7. Measure 26 is marked 'IMPROVISO'.

Musical score for Curitiba 58, measures 38-53. The score is in 4/4 time and G major. It features a melodic line with triplets and a bass line with chords. Chords include Dm6/F, Dm6, E7/F, E/D, Am, Am(maj7), D7(sus4), D7, Bbm9, A7(b9), Ab7(b9), C#7(b9), F#7, B7(b9), Em9, Eb7(#9), Dm9, C#7(#9), F#7/C, B7(b9), Em9, Cmaj7, Fmaj7, Em9, C#m9(b5), Ebmaj7(#11), Em(maj9), Cmaj9(#11), C#m7, Cmaj7(#11), Fmaj7, F#m7, Am7, Abm7, Am7, and Abm7. Measures 49-53 are marked 'IMPROVISO' and 'SALSA DOBRADA'. Measure 53 is marked 'PARA FIM'.

DESCENDO DA MANGUEIRA

RAUL DE SOUZA

36 **IMPROVISO 1** 4X

2 44 **IMPROVISO 2**

52 1.

60 2.

63 4 Dm7

66 **AD S PARA CODA**

72 Bbmaj7 Gm7 Dm7 Dm7

JUMP STREET

RAUL DE SOUZA

INTRO

7X

Dm7

3

Dm7 Gm7 A7

5

Dm7 Eb7 A7

7

Dm7 Bbmaj7 Fmaj7 Gm7

9

Dm7 Ebmaj7 Bbmaj7 A7 FIM

11

8X

12

A IMPROVISADO A B 4X

Dm7 Gm7 A7 Dm7 Gm7 A7

16

B

Dm7 Bbmaj7 Fmaj7 Gm7 Dm7 Ebmaj7 Bbmaj7 A7

APÓS SOLOS
AO S COM REP E FIM

PRIMAVERA EM PARIS

RAUL DE SOUZA

Gm7 A7 D7(b9) Gm7

6

D7(b9) G7(b9) Cm7 F7(SUS4) F7 Bbmaj7(#5) Bbmaj7

10

Ebmaj7 A7 D7(b9) D7(b9)/Ab

14

G7(b9) Cm7 Cm7/Bb A7

18

D7(b9SUS4) D7(b9SUS4) D7(b9) Ebmaj7 E7(#9)

22

E7(#9) Ebmaj7 A7 D7(b9)

26

Ebmaj7 Cm7 F7(SUS4) (A7/Eb D7(b9))

30

Gm7

RIO LOCO

RAUL DE SOUZA

Musical score for 'Rio Loco' by Raul de Souza, page 46. The score is in 2/4 time and consists of a single melodic line with various chords and ornaments. The chords are: F#o7, B7(b9), Em7, Em7/D, Eo7, A7(b9), Dm7, Dm/C, Bo7, E7(b9), Am7, Am/G, F#o7, B7, Dm7, G7(b9), F#o7, B7(b9), Em7, Em7/D, Eo7, A7(b9), Dm7, Dm/C, Bo7, E7(b9), Am7, A7(b9), Dm7, G7(sus4), C/E, A7, F#o7, Fm6, Bb7, Am6, Fm6, Bb7, Abmaj7, Ab/G.

Musical score for 'Rio Loco' by Raul de Souza, page 47. The score is in 2/4 time and consists of a single melodic line with various chords and an improvisation section. The chords are: F#o7, B7(b9), Em7, Em7/D, Eo7, A7(b9), Dm7, Dm/C, Bo7, E7(b9), Am7, Am/G, F#o7, B7, Dm7, G7(b9). The improvisation section is marked 'IMPROVISO' and starts at measure 36. The score ends with 'DA CAPO AO FIM'.

ST. REMY

RAUL DE SOUZA

INTRO BATERIA

1ª VEZ SÓ MELODIA E BATERIA

5 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

9 F9 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

15 Gm11 Gm11 F9 F9

19 Dm7 Dm7 Cm7 Cm7 Bbmaj7 Bbmaj7

25 Eb7 Eb7 D7(#9) D7(#9) D7(#9) Cm7

30 Cm7 Cm7 Cm7 1. Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

37 2. Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

41 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

2

IMPROVISO

47 Gm11 Gm11 Gm11 Gm11

51 F9 F9 F9 F9

55 Gm(maj7) Gm(maj7) Gm(maj7) Gm(maj7)

59 F9 F9 F9 F9

63 Dm7 Dm7 Dm7 Dm7

67 Cm7 Cm7 Bbmaj7 Bbmaj7

71 Eb7(sus4) Eb7(sus4) D7(#9) D7(#9)

75 Cm7 Cm7 Cm7 Cm7

79 F5 G5 F5 G5

83 Gm11 Gm11

APÓS SOLOS AO S
CASA 2 E CODA

SAUDADE DO FRANK

RAUL DE SOUZA

1. Gmaj7 Gmaj7 F#o7 B7(b9) 3

5. Em7 A7 Dm7 G7

9. Cmaj7 F7 Bm7 E7

13. A7 A7 Am D7

17. Gmaj7 Gmaj7 F#o7 B7(b9) 3

21. Em7 A7 Dm7 G7

25. Cmaj7 F7 Bm7 E7

29. A7 Am D7 Gmaj7 D7

33. Gmaj7/D Do7 Am11/D D7(b9) Gmaj7

THE OTHER SIDE OF THE MOON

RAUL DE SOUZA

INTRO

6. Cm7 F7 Bbmaj7(#5) Bbmaj7 Am7 D7(b9) Gmaj7(#5) G7(SUS4) G7(b9)

10. Cm7 F7 F/Eb Dm7 Gm7 Gm/F Eb7 A7(b5) 1. A7 D7(b9)

14. 2. A7 D7(b9) F13(SUS4) F13(b9) C/E Cm/Eb Bb/D Eb/Db

19. Cm7 F7 F/Eb Dm7 Ebmaj7(#11) Cm7 F7

22. Em7 A7(SUS4) Ab7(b5) Db7(b9) Am7 D7(b13) Ebmaj7(#11) Abmaj7(#11)

25. Cm7 F7 Bbmaj7(#5) Bbmaj7 Am7 D7(b9) Gmaj7(#5) G7(SUS4) G7(b9)

29. Cm7 F7 F/Eb Dm7 Gm7 Gm/F Ebmaj7 F5 Gm7

33. Ebmaj7 F5 Eb5 F5 G5

AO S PARA SOLOS
E CODA PARA FIM

VIOLÃO QUEBRADO

RAUL DE SOUZA

BATERIA 6

9 E_b9 E_b9 F_{13} F_{13}

13 F_{09} $E7(\sharp 9)$ $E_b \text{maj}7(\sharp 5)$ E_b9

17 C_m7 F_{13} $B_b \text{maj}7$ G_m7 C_m7

22 F_{13} F_m7 $B_b7(\text{sus}4)$ $B_b13(b9)$ $B_b13(b9)$

27 E_b9 E_b9 F_{13} F_{13}

31 F_{09} $E7(\sharp 9)$ $G\#7$ $C7(b9)$

35 $F\#7$ $B_b7(b9)$ E_b9 $C7$

39 F_{13} $F7(b13)$ F_m7 B_b9 B_b9

2 43 **IMPROVISO**

49 $E_b \text{maj}7(\sharp 5)$ E_b9 C_m7 F_{13} $B_b \text{maj}7$ G_m7

55 C_m7 F_{13} F_m7 $B_b7(\text{sus}4)$ $B_b13(b9)$ $B_b13(b9)$

61 E_b9 E_b9 F_{13} F_{13} F_{09} $E7(\sharp 9)$

67 $G\#7$ $C7(b9)$ $F\#7$ $B_b7(b9)$ E_b9 $C7$

73 F_{13} $F7(b13)$ F_m7 B_b9 B_b9

APÓS SOLOS
AO S E CODA

77 E_b9 $C7$ F_{13} $F7(b13)$ F_m7 B_b9

81 $G\#7$ $C7$ F_{13} $F7(b13)$ F_m7 B_b9 E_b9

VILA MARIANA

RAUL DE SOUZA

INTRO

17 F^{maj7} $F\#o7$ $Gm7$ $G\#o7$ $B\circ7$ $B\circ7$

21 $C7(sus4)$ $C7$ F^{maj7} F^{maj7}

25 $E\circ7$ $A7$ $Dm7$ $Dm7$

29 $G7/B$ $G7/B$ $Bb\%6$ C/Bb

33 $B7(b9)$ $Bb\%6$ $C\#7(\#9)$ D^9 $G7(\#11)$ $G7(\#11)$

37 $E\circ7$ $A7$ $Dm7$ $D\flat7$ $Cm7$ $F7$

41 Bb^{maj7} $B\circ7$ F^{maj7}/C $D7$

45 $Gm7$ $C7$ $F^{(add9)}/A$ $A\flat^{13}$ $Gm7$ $G\flat^{13}$

49 (F^{maj7}) $B7(\#9)$ $B7(\#9)$

53 $C7(sus4)$ $C7$ F^{maj7} F^{maj7}

57 $E\circ7$ $A7$ $Dm7$ $Dm7$

61 $G7/B$ $G7/B$ $Bb\%6$ C/Bb

65 $B7(b9)$ $Bb\%6$ $C\#7(\#9)$ D^9 $G7(\#11)$ $G7(\#11)$

69 $E\circ7$ $A7$ $Dm7$ $D\flat7$ $Cm7$ $F7$

73 3

Bbmaj7 Bb7 Fmaj7/C D7

77 1. Gm7 C7 F(ADD9)/A Ab7 Gm7 Gb7

81 2. PARA TROCAR DE SOLISTA Gm7 C7 F(ADD9)/A Abm13 Gm7 Gb13

85 3. APÓS O ÚLTIMO SOLISTA Gm7 C7 Fmaj7

89

93

95 1. C7 F(ADD9)/A Fmaj7/C D/C C7(SUS4) C7

100 2. D7 Gm7 C7 F Dm7

AD S E CODA

YOLAINE

RAUL DE SOUZA

6 Bbmaj7 Bb9(#11) A13(#11) Bbmaj7/A

10 Gm7 Gm6 Gbm6 F7(b9)

14 Gm7 Gm6 Gbm6 F7(b9)

18 Eb/F B/F Bbmaj7/F G7(#9)/Bb Eb/F D/F Bbmaj7/F E7(b5) Ebmaj7(#5)

22 Eb/F D/F A#7 D7(b9) Gm7 Abmaj7(b5) A7(b5)

26 Bbmaj7 Bb9(#11) A13(#11) Bbmaj7/A

30 Gm7 Gm6 Gbm6 F7(b9)

34 F7(b9) A/Bb



DISCOGRAFIA

Creditado como Raulzinho

1965 – À Vontade Mesmo

1968 – International Hot (com a banda “Impacto 8”)

Creditado como Raul de Souza

1974 – Colors

1977 – Sweet Lucy

1978 – Don’t Ask My Neighbors

1979 – ‘Til Tomorrow Comes

1986 – Viva Volta

1993 – The Other Side of The Moon

1998 – Rio (com “Conrad Herwig”)

2000 – No Palco!

2003 – Splendid Night

2005 – Elixir (com “Claire Michael Group”)

2006 – Jazzmim (com o grupo “Na Tocaia”)

2007 – Soul & Creation

2008 – Bossa Eterna

2012 – O Universo Musical de Raul de Souza (DVD)

2012 – Voilà (com o grupo “Na Tocaia”)

2016 – Brazilian Samba Jazz

2018 – Jobim’s Tribute by Raul de Souza

2018 – Blue Voyage

2020 – Curitiba 58

2020 – Plenitude

Participações em trabalhos de outros artistas

Turma da Gafieira – “Turma da Gafieira” (1957, Musidisc)

Sergio Mendes & Bossa Rio – “Você ainda não ouviu nada” (1963)

Tenório Jr. – “Embaló” (1964)

Flora Purim – “Flora É M.P.M.” (1964)

Os Catedráticos – “Tremendão” (1964)

Edison Machado – “Edison Machado É Samba” (1964)

Trio 3D – “Trio 3D Convida” (1965)

Os Cobras – “Os Cobras” (1966, RCA Brasil)

Flora Purim – “Casa Forte” (1974, Milestone)

Flora Purim – “Stories to Tell” (1974, Milestone)

Airto Moreira – “Identity” (1975)

Carl Tjader – “Amazonas” (1975)

Sonny Rollins – “Nucleus” (1975)

Airto Moreira – “Promises of the Sun” (1976)

Sergio Mendes – “Home Cooking” (Elektra/RCA, 1976)

Milton Nascimento – “Milton” (1976)

Flora Purim – “Encounter” (1977)

Flora Purim – “Nothing Will Be As It Was... Tomorrow” (1977)

Airto Moreira – “I’m Fine, How Are You?” (1977)

Hermeto Pascoal – “Slaves Mass” (Warner Bros., 1977)

Caldera – “Caldera” (Capitol/EMI, 1977)

George Duke – “Reach For It” (1977)

Flora Purim – “Everyday Everynight” (1978)

Flora Purim – “Walking Away” (1978)

Michael White – “The X Factor” (1978)

The Hitter – “The Hitter (Music from the motion picture)” (Capitol, 1979)

Flora Purim – “Carry On” (1979)

George Duke – “A Brazilian Affair” (1980)

Airto Moreira – “The Colors of Life” (1980)

Djavan – “Luz” (1982)

Alex Merck – “Minds and Bodies” (1983)

Airto Moreira – “Aqui se puede” (1986)

Airto Moreira – “Samba de Flora” (1989)

Rui Veloso – Auto da Pimenta (1991)

Tom Jobim – “Antônio Brasileiro” (Columbia, 1994)

Taiguara – “Brasil Afri” (1994)

Airto Moreira – “Jump” (1985)

Helio Celso – “Sonho Carioca” (1985)

João Donato/Eloir de Moraes – “Café com Pão” (1997)
Laeta – “Blue Days” (1998)
Bocato – “Tribute to Pixinguinha” (1999)
Confluent Big Band – “Confluent Big Band” (1999)
Lisa Ono – “Esperança” (2000)
Orchestre d’Harmonie of Tonneins – “Orchestre d’Harmonie of Tonneins” (2000)
Tuna Otenel – “Voyager” (2000)
Carlos Marques – “Jaboatão” (2000)
Spirit of Life Ensemble – “Live au Duc” (2001)
Ziskakan – “Live” (2003)
After in Paris – “Emotional” (2003)
Itamara Koorax – “Brazilian Butterfly” (2007)
Rodrigo Lima – Saga (2014)
David Feldman – “Horizonte” (2016)
Viviane de Freitas – “Vivi” (In+Out Records, 2017)

Métodos musicais

Raul de Souza Estudos Criativos Trombone
Raul de Souza Estudos Criativos Saxofone
Raul de Souza Estudos Criativos Flugelhorn - Trompete

Bibliografia sobre Raul de Souza

CASTRO, Ruy. Chega de saudade: a história e as histórias da Bossa Nova. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
MOTTA, Nelson. Noites tropicais: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Filmes

“Roberto Carlos em Ritmo de Aventura” (1968) – Dir. Roberto Farias
“Saravah” (1972) – Dir. Pierre Barouh
“The Hitter” (“O Último Round”) (1979) – Dir. Christopher Leitch
“Lost Zweig” (2002) – Dir. Sylvio Bach
“Viva Volta” (2005) – Dir. Heloisa Passos

Vídeos

“Um café lá em casa com Raul de Souza e Nelson Faria” (2017) – Um Café Lá em Casa. Disponível em: <<https://youtu.be/shgKGEaUglc>>.
“Mosaicos - A Arte de Raul de Souza” (2008) – TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=In_RE8v6Lo0>.

Para saber de outros lançamentos

www.rauldesouza.net
www.discogs.com/pt_BR/artist/97921-Raul-De-Souza
www.allmusic.com/artist/raul-de-souza-mn0000399457/credits

BIOGRAFIAS



FÁBIO TORRES

Fábio Torres começou a estudar piano aos 5 anos e não parou até hoje. Sua música passa pelas horas dedicadas às partituras de Bach, Chopin e Ravel mas também pela audição apaixonada dos mestres do Jazz, como Coltrane e Miles Davis. Mas foi na riquíssima música popular brasileira que o pianista veio definir seu estilo. Com pouco mais de 20 anos já havia gravado e tocado com Paulo Moura, Heraldo do Monte, Arismar do Espírito Santo e Dominginhos. O encontro com a música imortal de Jobim, Jacob do Bandolim e Pixinguinha, bem como a vivência com João Donato, Toninho Horta, Guinga, Leny Andrade, Ivan Lins e muitos outros, vieram consolidar a música extremamente pessoal e essencialmente brasileira do músico. Atualmente, Fábio integra o Trio Corrente, um dos mais reconhecidos grupos de Jazz Brasileiro da atualidade, ao lado dos parceiros Paulo Paulelli (contrabaixo) e Edu Ribeiro (bateria). Juntos os três músicos criaram uma maneira única de interpretar os *standarts* brasileiros e venceram o *Grammy Award* e o *Latin Grammy* em 2014 na Categoria Melhor Álbum de Latin Jazz, com o CD *Song for Maura*, uma parceria com o clarinetista cubano Paquito D’Rivera. Fábio também integra o grupo da cantora Rosa Passos e do trombonista Raul de Souza.



GLAUCO SÖLTER

Glauco Sölter é baixista nascido em Cascavel (PR), radicado em Curitiba e atualmente morando (também) em São Paulo. Toca e grava regularmente com diferentes trabalhos no Brasil e exterior. Por mais de 15 anos acompanhou e foi diretor artístico o grande trombonista Raul de Souza. Tem seu trabalho autoral com 5 CDs lançados, além de fazer parte dos grupos “Mano a Mano Trio”, “Duo Bandolaxo” e “Projeto Cataia” (com Arismar do Espírito Santo). Já trabalhou com nomes como João Bosco, João Donato, Ron Carter, Badi Assad, Richard Bona, Toninho Horta, entre outros. Frequentou a *Berklee College of Music* em 1999. Antes disto havia tocado com seu trio no Montreux Jazz Festival e lançado nacionalmente um CD com o grupo de música instrumental Na Tocaia. Atua também regularmente como professor, arranjador e produtor cultural. Acaba de lançar o livro *Levadas Brasileiras*, sobre a história do baixo no Brasil.



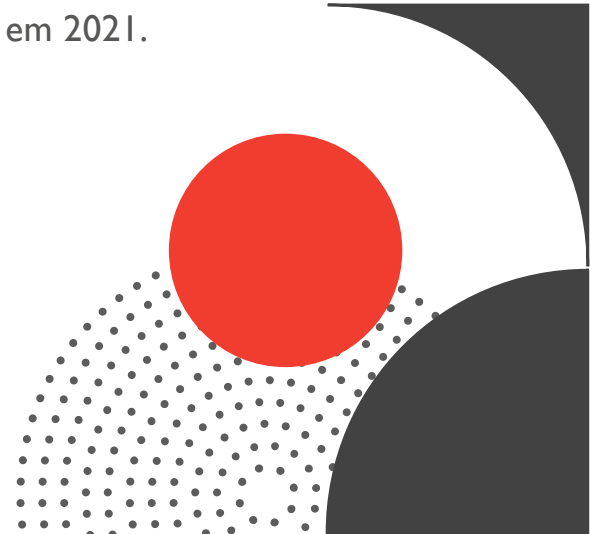
MÁRIO CONDE

Mário Eduardo Macedo Conde é músico multi-instrumentista de cordas (guitarra, cavaquinho, bandolim, violão e violão tenor), compositor, arranjador e produtor musical. Iniciou seus estudos aos 11 anos em sua cidade natal, Rio de Janeiro, com seu padrasto maestro Jaime Ribeiro. Radicado em Curitiba desde o ano de 1986, participou de vários grupos da cena local como Soweto, Sotak e Quadro (este último participando do projeto Pixinguinha). Em 1992 se juntou ao grupo Sotak na Suíça para uma série de concertos, entre eles o festival de Montreux e Fribourg. De volta ao Brasil em 1995, colabora com vários grupos e artistas tais como: Dr.Cipó, Impacto Impar, Na Tocaia, Nailor Proveta, Vinicius Dorin, Leo Gandelman, Arthur Maia, Carlos Malta, Arismar do Espirito Santo, Nelson Ayres, Roberto Sion, Robertinho Silva, Vitor Santos, Mauro Senise, Nenê, Márcio Bahia, André Marques, Duofel, Ademir Cândido, Fábio Torres, Gabriel Grossi, Cláudio Roditi, Daniel D'Alcântara, François de Lima, Marco Lobo, Hermeto Pascoal, dentre outros. Desde 2002 atua no grupo do trombonista Raul de Souza, tendo registrados dois CDs e um DVD. Com Raul participou de diversos festivais no Brasil como Mimo, Chivas Jazz Festival, Paraty Jazz, Festa da Música (BH), Amazonas Jazz, Guaramiranga, Rio das Ostras, Jericoacoara, Copa Fest e muitos outros. Integrou inúmeras turnês nacionais e internacionais, além da participação junto à nomes como João Donato, Hector Costita, Altamiro Carrilho, Filó Machado, Ed Mota, Maurício Einhorn, Ron Carter e Richard Bona. No exterior, excursionou por diversos países tais como Tunísia (Jazz a Tabarka e Túnez), Ilha de La Reunion, Eslováquia, Berlin (POP Com), Suíça (Fête de la Musique), entre muitos outros. É professor de Guitarra do Conservatório de MPB desde 2004. Em 1992 gravou o CD Impacto Ímpar com Endrigo Bettega e Mauro Martins. Em 2011 gravou seu 1º CD autoral "Guitarra Brasil Universo". Em 2015 gravou o DVD homônimo com participação da Orquestra À Base de Sopro de Curitiba, na qual é integrante como guitarrista desde 2006. Em 2016 gravou o álbum "Água Universal" ao lado do Cris Julian. Em 2017 gravou o álbum "Mario Conde e OABS de Curitiba Orquestrando seu Universo e participou do álbum de Endrigo Bettega, "Impacto Ímpar II" Colaborador há alguns anos da OABS de Curitiba, participou de CDs com Léa Freire, Gabrielle Mirabassi e DVDs com André Mehmar e Arrigo Barnabé. Acompanhou, além desses, nomes como Joyce Moreno, Emílio Santiago, Nelson Ayres, Nenê Baterista e Egberto Gismonti.



SÉRGIO MACHADO

Sérgio Machado é baterista, professor, produtor e compositor residente em São Paulo, Brasil. Em seus 20 anos como músico profissional já atuou em gravações e shows ao lado de nomes conhecidos da música brasileira como, Milton Nascimento, Racionais MCs, Matheus Aleluia, João Donato, Raul de Souza, Zélia Duncan entre outros. Em 2016 foi convidado pelo trombonista Raul de Souza para fazer uma turnê pelo Brasil junto com Ron Carter (lendário baixista do Miles Davis Quintet nos anos 60). Essa turnê impactou seu desenvolvimento como músico em especial dentro do campo da improvisação e acabou inspirando muito o desenvolvimento com seu projeto solo PLIM que em 2017 lançou seu primeiro disco solo “PLIM” sendo convidado para tocar no festival Nublu Jazz Festival na mesma edição do Saxofonista Kamasi Washington e do lendário grupo The Cookers do Baixista Cecil Macbee e do baterista Billy Hart. Mais recentemente pode-se destacar a participação no disco “Songs For Tomorrow” do compositor Daniel Santiago onde Sérgio Machado gravou em músicas ao lado de Joshua Redman, Kurt Rosenwinkel, Eric Clapton, Pedro Martins e o pianista Aaron Parks. Participou como músico do documentário do cantor e compositor Milton Nascimento regravando composições clássicas do Clube da Esquina. Com Raul de Souza, gravou em um dos seus mais recentes álbuns “Curitiba 58” assinando o arranjo e produção da faixa Vice e Versa. Gravou nos mais recentes trabalhos de Mateus Aleluia “Olorum” e João Donato (álbum ainda em processo de gravação) e participou da turnê de 3 décadas do maior grupo de Hip Hop do Brasil Racionais MCs. No campo da produção em estúdio, produziu e tocou no álbum do compositor Negro Leo “Desejo de Lacrar”, co-produziu o disco de Lello Bezerra “Desde até Então”, produziu o álbum “SER” de Gustavo Infante e mais recentemente está finalizando a produção do Álbum da Orquestra Laboratório Bastet, grupo em que atua como arranjador e compositor e que será lançado pelo selo Bastet em 2021.

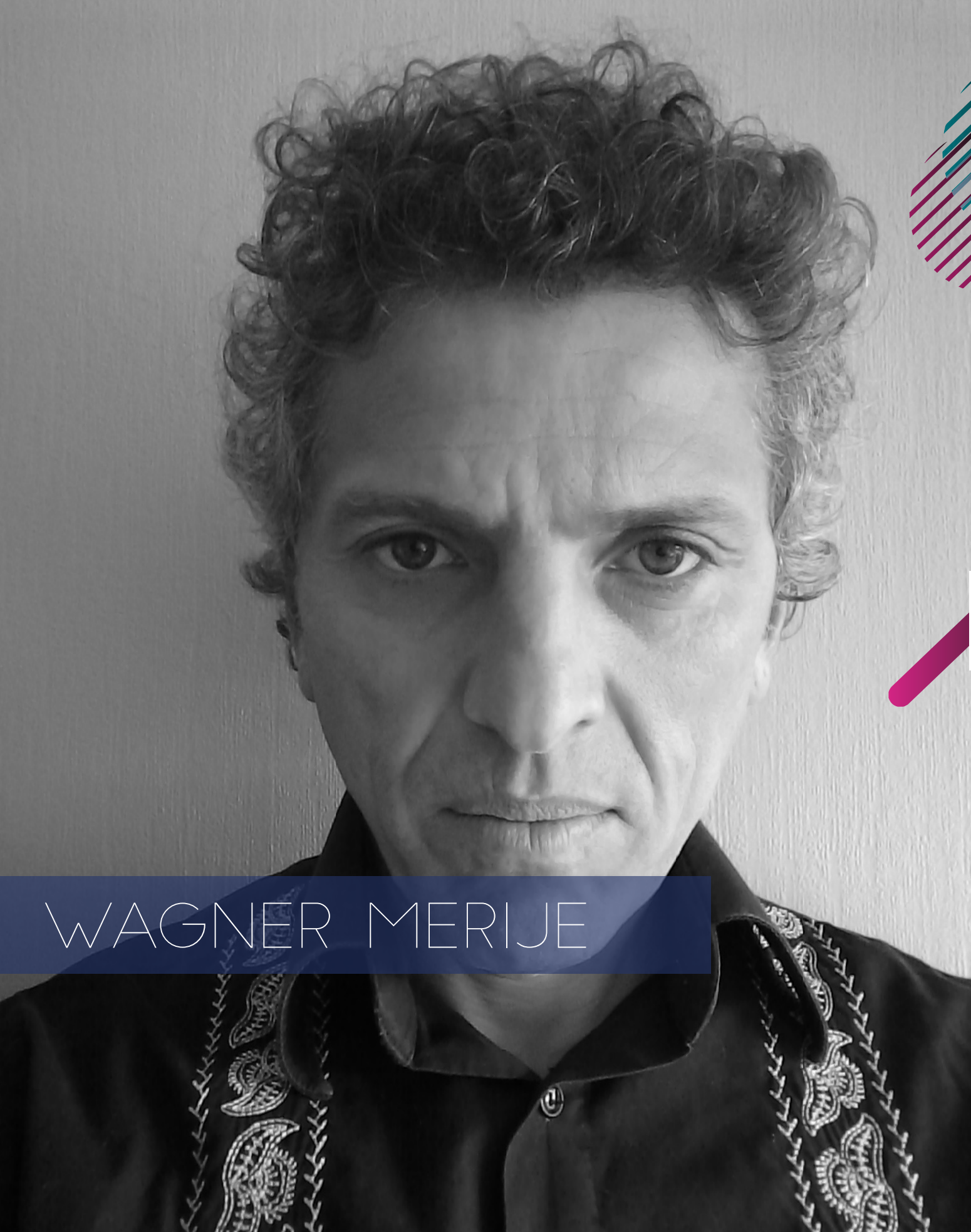




SÉRGIO COELHO

De tempos em tempos nossos ouvidos são brindados com a maestria técnica de um grande instrumentista, com a qualidade sonora e performance inquestionável, que nos leva a um passeio pelo bom gosto independente do gênero musical que esteja sendo executado. O trombonista brasileiro (Itajaí-SC), Sérgio Coelho é um desses casos raros. Discípulo do grande trombonista Brasileiro Raul de Souza, Sérgio teve contato com a música de Raul ainda criança, através de conversas com seu avô João Coelho. Assim que teve a oportunidade estreitou a relação e aos 13 anos conhecia pessoalmente seu maior mestre em um curso de verão, e assim nasceu uma grande amizade. Muitas conversas sobre trombone e vida sempre estiveram nos encontros por mais de 20 anos, amizade que permaneceu até o fim da vida do grande mestre do trombone brasileiro. Com a carreira mais do que consolidada no cenário musical brasileiro, Sérgio tem a competência de transitar em todos os ambientes musicais, o que permitiu ao artista dividir o palco com grandes músicos de todas as gerações nesses 22 anos de carreira. Hermeto Pascoal, Arismar do Espírito Santo, Raul de Souza, Carlos Malta, Arthur Verocai, Renato Borghetti entre outros, são algumas das referências que passaram da fronteira de ídolos e mestres para o hall de parceiros de palco e amigos pessoais. O artista vem trilhando turnês, tributos e gravações de discos, além de trabalhos por todo território nacional e internacional. Considerado hoje um dos mais relevantes trombonistas do Brasil, o músico lançou em 2008 seu primeiro álbum, intitulado Sergio Coelho Trombone, com produção e direção musical do próprio artista. O disco conta com a participação de Thiago Espírito Santo, Edson Sant'anna, Alex Buck e Glauco Solter, entre outros grandes nomes da música instrumental brasileira.

O trabalho de Sérgio Coelho amplia-se ainda mais com seu envolvimento na área educacional, ministra cursos de instrumento (trombone) e aulas de interpretação e improvisação para instrumentos melódicos em diversos festivais pelo Brasil, Paraguai e Argentina.



WAGNER MERIJE

Wagner Merije é jornalista, escritor, produtor, diretor artístico, gestor cultural e editor. Trabalhou como diretor artístico de Raul de Souza entre 2007 e 2021 em diversos projetos, no Brasil e em outros países, incluindo discos, DVDs, especiais de TV, filmes, shows, publicações e outras produções, com destaque para os trabalhos “Bossa Eterna” (2008, Biscoito Fino); “O Universo Musical de Raul de Souza” (2012, Selo Sesc) e “Voilà” (2012, Selo Sesc); “Raul de Souza & Ron Carter Tour” (2014); “Blue Voyage” (2018, Selo Sesc), entre outros. Como jornalista, passou por TVs, rádios, jornais, revistas e sites no Brasil, Inglaterra e Portugal. Escreve sobre pessoas, lugares, sentimentos e acontecimentos e tem vários livros publicados no Brasil e em outros países.

Redação de textos: **Glauco Sölter, Sérgio Coelho e Wagner Merije**

Revisão de texto: **Eduardo Ramos**

Escolha de repertório: **Glauco Sölter e Mário Conde**

Transcrição de melodias nas partituras: **Fábio Torres**

Harmonização: **Mário Conde**

Finalização de partituras: **Fábio Torres**

Fotos internas: **Acervo pessoal de Wagner Merije e família de Raul de Souza**

Foto capa: **Autor desconhecido**

Design Gráfico: **Elis Ribeirete / Design Próprio**

Elaboração do projeto: **Alvaro Ramos e Sarah Roeder Drechsel**

Coordenação de projeto: **Alvaro Ramos e Juliana Cortes**

Produção executiva, direção geral e editorial: **Alvaro Ramos**

Marketing Cultural: **Gramofone + Cultural**



A versão e-book desse livro, versões play along de 10 dessas 20 obras em algumas opções com e sem exposição do tema da obra por Sérgio Coelho estão disponíveis para play e download nas plataformas digitais de streaming no QR Code abaixo:



Visite:

www.gramofone.com.br
youtube.com/produtoragramofone
www.rauldesouza.net

